

## **FATORES EXTRÍNSECOS DE RISCO PARA QUEDAS EM IDOSOS NO ÂMBITO HOSPITALAR**

Mayara Muniz Peixoto Rodrigues (1), Amanda Melo Fernandes (2), Bárbara Jeane Pinto Chaves (3), Rafaella Felix Serafim Veras (4), Jacira Dos Santos Oliveira (5)

*Universidade Federal da Paraíba - UFPB/ mayara\_muniz\_@hotmail.com*

### **RESUMO**

As quedas em idosos são consideradas um sério problema de saúde pública em decorrências das consequências ocasionadas. O estudo objetivou: Averiguar os fatores de risco extrínsecos para quedas identificados em uma unidade cirúrgica que podem contribuir para o incidente em idosos hospitalizados. Estudo descritivo, exploratório realizado em um hospital universitário localizado na região Nordeste do Brasil. A população foi constituída de todos os idosos internados na unidade de cirúrgica do referido hospital e a amostra selecionada por conveniência totalizou 50 idosos. Critério de inclusão: indivíduo com idade  $\geq$  de 60 anos, e exclusão: pacientes de reinternação. O instrumento de coleta de dados avaliava fatores intrínsecos e extrínsecos relacionados à queda. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os resultados apontaram que 70% das enfermarias não tinham excesso de móveis e objetos, 52 % das enfermarias dos idosos foram consideradas como ambientes seguros, e 78% tinham boa iluminação. Em contra partida, 98% dos box dos banheiros não tinham material antiderrapante e 86% deles não tinham barras de segurança. Conclui-se que os fatores extrínsecos de risco de quedas para idosos do estudo sinalizam a necessidade de maior atenção quanto às medidas preventivas de quedas. Além disso, os resultados subsidiarão os profissionais de saúde no planejamento da assistência aos idosos com risco de quedas, hospitalizados em unidade cirúrgica e demais unidade com características semelhantes, buscando assim, a garantia da qualidade dos serviços e da satisfação dos paciente/familiares. Palavras-chave: Idoso, Acidentes por quedas, Hospitalização.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial significativo da sociedade, que vem adquirido proporções expressivas em especial nos países em desenvolvimento. Nesse contexto, no Brasil, o número de idosos é o que mais cresce, onde estudos estimam que em 2025 o país ocupará o sexto lugar entre aqueles com maior número de idosos. Assim, 32 milhões de brasileiros, ou seja, aproximadamente 15% da população terá idade igual ou superior a 60 anos (SANTOS et al., 2015).

Considerando as causas de morte na população idosa nos Estados Unidos, os acidentes e lesões não intencionais ocupam o quinto lugar, sendo dois terços dessas causadas por quedas. Assim, cerca de 28-40% dos idosos americanos cairão pelo menos uma vez, no período de um ano. Quando reportado ao Brasil, esses padrões não são diferentes, já que aproximadamente 30-40% dos idosos brasileiros, residentes na comunidade, caem ao menos uma vez no mesmo período, onde 11% de forma recorrente (OLIVEIRA, 2014). O evento queda pode ser definido como episódios de desequilíbrio que levam o idoso ao chão. Ela pode ser determinada por qualquer contato acidental com superfícies próximas, como uma cadeira ou um balcão (ALMEIDA, 2012).

As quedas em pessoas idosas constituem um dos principais problemas de saúde pública são consideradas a principal causa de morbidade, mortalidade, perda da autonomia e qualidade de vida no envelhecimento, em decorrência de sua alta incidência. As condições de saúde/doença dos idosos têm piorado em decorrência das quedas já que constitui como a primeira causa de acidentes e a terceira maior causa de morte em pessoas com sessenta anos e mais (REIS; JESUS, 2015).

Estudo realizado em um ambulatório de traumatologia de um Hospital Universitário do Rio Grande do Sul, com idosos atendidos após episódios de quedas, revelou que a importância dos fatores ambientais aliados às alterações próprias do processo de envelhecimento necessita de uma visão mais ampla sobre os riscos iminentes, somadas à conscientização em relação aos fatores de risco intrínsecos, com a finalidade de eliminá-los e/ou minimizá-los (GAUTERIO, 2015).

Uma vez institucionalizados, esses idosos apresentam três vezes mais chances de cair quando comparados àqueles que residem na comunidade. Logo, intervenções de promoção e prevenção da queda em idosos, são importantes visando melhor qualidade de

vida e autonomia, evitando aumento de incapacidades, que são as causas mais comuns de institucionalização (REIS; JESUS, 2015).

Os fatores extrínsecos, por sua vez, estão associados ao ambiente físico no qual o idoso se encontra: piso escorregadio, tapetes soltos, objetos em áreas de circulação, ausência de barras de apoio e corrimãos, móveis instáveis e iluminação inadequada. Fatores de risco ambientais também são determinantes para as quedas e não menos importantes que os demais, já que estes estão presentes em aproximadamente 30-50% das quedas (OLIVEIRA, 2014).

Diante do exposto, acredita-se ser essencial identificar os fatores de risco extrínsecos de quedas em pacientes idosos com a finalidade de reconhecer precocemente os riscos existentes e de imediato eliminá-los ou diminuí-los utilizando medidas adequadas para prevenção do incidente.

Avaliar o risco de quedas, normalmente, é recomendado como parte inicial e contínua de um programa de prevenção (PERELL et al., 2001). Os programas eficazes de prevenção incluem um instrumento de avaliação de risco de quedas para identificar os pacientes de alto risco (DYKES et al., 2009). O conjunto de avaliação de risco de quedas e a tecnologia da informação em saúde são subutilizados na luta pela prevenção desse problema (DYKES et al., 2010).

A avaliação de risco de quedas é definida por Tucker et al. (2012, p. 21) como um “processo sistemático de identificação de fatores individuais que coloca uma pessoa em risco de cair” e produz um indicador de referência da situação de risco para se estabelecer intervenções e eliminar os fatores de risco (DYKES et al., 2010).

A relevância do estudo está no reconhecimento pelos profissionais de saúde que uma clientela idosa hospitalizada requer cuidados preventivos de quedas para manter a segurança e qualidade da assistência prestada.

A questão norteadora do estudo é: Quais são os fatores de risco extrínsecos para quedas identificados em uma unidade cirúrgica que podem contribuir para o incidente em idosos hospitalizados? O estudo tem como objetivo: Averiguar os fatores de risco extrínsecos para quedas identificados em uma unidade cirúrgica que podem contribuir para o incidente em idosos hospitalizados.

## **METODOLOGIA**

Estudo descritivo realizado na Clínica Cirúrgica de um hospital universitário em João Pessoa - Paraíba. A amostra do estudo foi composta por 50 indivíduos internados na referida clínica no período de fevereiro a julho de 2016 que atendiam ao critério de inclusão de idade  $\geq 60$  anos, e foram excluídos aqueles pacientes de reinternação, o que configuraria duplicidade da amostra.

Utilizou-se um instrumento estruturado elaborado pelos pesquisadores para a avaliação de risco de quedas composto por duas partes, a primeira sessão com dados sociodemográficos e a segunda parte com dados relacionados aos fatores de risco extrínsecos para ocorrência de quedas no ambiente hospitalar. Buscando alcançar clareza e objetividade o instrumento passou por uma validação de aparência e posterior pré-teste com a finalidade de ajustar possíveis lacunas e facilitar a aplicação do instrumento.

Os dados foram processados por meio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences - SPSS versão 20.0*, sendo utilizada a estatística descritiva para análise dos dados e apresentação destes por meio de tabelas e gráficos.

O presente estudo atendeu aos critérios da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012) que trata de pesquisas que envolvem seres humanos, sendo apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob protocolo de nº 1.150.379.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

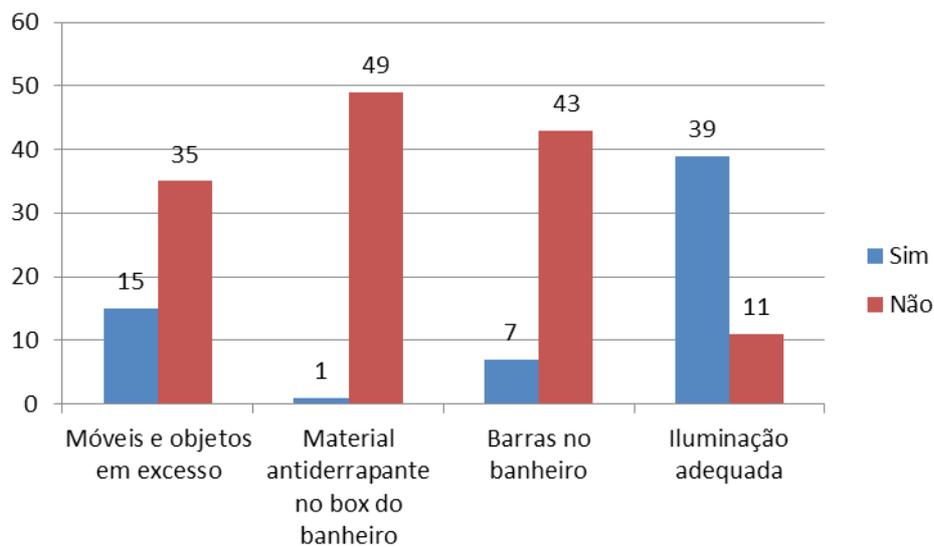
Os resultados serão apresentados de acordo com a classificação dos fatores extrínsecos de risco para quedas em idosos hospitalizados na unidade de clínica cirúrgica.

De acordo com a pesquisa 26 (52%) dos participantes do presente estudo eram do sexo feminino. O período médio de internação hospitalar dos idosos foi de 10,10 dias de permanência na clínica, com desvio padrão de  $\pm 10,756$ , mínimo de um dia e máximo de 43 dias de internação hospitalar. Durante a aplicação do instrumento de avaliação de risco de quedas 31 (62%) encontravam-se no pós-operatório e 19 (38%) no pré-operatório. Vale ressaltar que 46 (92%) dos participantes estavam acompanhados por familiares ou cuidadores no momento da coleta de dados. Quanto ao fator cognitivo, 46 (92%) dos idosos não apresentava problemas mnemônicos que comprometessem o estado mental. Em relação à história de quedas anteriores, 37 (74%) deles afirmaram que não tiveram incidentes de quedas nos últimos seis meses ou em um período de um ano.

Considera-se fatores extrínsecos, aqueles relacionados ao ambiente do idoso, no domicílio, locais públicos, transporte coletivo, iluminação insatisfatória, tapetes soltos, presença de obstáculos, calçados e roupas inapropriadas e irregularidades no solo (GAUTÉRIO, 2015).

Os fatores de risco para quedas classificados como extrínsecos são apresentados na Figura 1 com destaque para a presença de móveis e objetos em excesso, condições ambientais, material antiderrapante e barras no box dos banheiros, e iluminação das enfermarias.

**Figura 1** – Dados referentes aos fatores extrínsecos para quedas nas enfermarias dos idosos hospitalizados na unidade clínica cirúrgica do Hospital Universitário. João Pessoa, 2016.



**Fonte:** Pesquisa de campo.

Constata-se que 35 (70%) enfermarias não tinham excesso de móveis e objetos. Assim, o ambiente ao qual o idoso está inserido, com existência de barreiras em excesso, pode oferecer situação de perigo aumentando o risco de quedas. No entanto, mesmo com baixo número de barreiras físicas, a possibilidade não se exime já que o episódio ocorre em sua maioria da interação do idoso com o ambiente.

Apoiado a isso, pesquisa realizada com 123 idosos residentes de seis municípios da área metropolitana de Monterrey, revelou que a marcha foi encontrada como fator de risco significativo de quedas, porém o aumento do risco aconteceu quando relacionado a móveis e objetos em excesso no percurso do idoso (GOMES et al., 2016).

O local utilizado para o estudo revelou que 30% de suas enfermarias apresentavam-se com móveis e objetos em excesso o que alerta para um risco existente e considerável já que de um local onde se busca cuidados para a saúde, espera-se que esses riscos sejam mínimos.

Vale salientar que manobras posturais e ambientais com obstáculos, podem não se caracterizadas como problema para pessoas de outras faixas etárias, porém pode se tornar uma séria ameaça à segurança daquelas com alterações fisiológicas já instaladas. Assim, detectar essas fragilidades e viabilizar esses locais pode prevenir a ocorrência de quedas nos grupos vulneráveis (SANTOS, 2012).

Com relação ao material antiderrapante no box dos banheiros em 49 (98%) enfermarias estava ausente. A ausência de materiais antiderrapantes nas enfermarias associadas a pisos molhados sinalizam um risco de quedas aumentado, uma vez que a existência desses dispositivos poderia ser utilizada como medida preventiva.

Corroborando com a pesquisa em questão, outro estudo realizado em Ribeirão Preto - SP com 240 idosos da comunidade e utilizado como fonte de dados em revisão sistemática sobre os fatores ambientais e risco de quedas em idosos, comprovou que embora 55,9% das quedas ocorreram no ambiente domiciliar por alteração de equilíbrio, 55,6% estiveram relacionados a pisos escorregadios 27%, pisos irregulares 18%, degraus e desníveis 11%, objetos no chão 8% e tapetes soltos 7,5% (OLIVEIRA, 2014).

Alguns estudos relacionados ao ambiente doméstico buscando investigar fatores que favorecem as quedas em idosos evidenciaram que dentre os fatores de risco, o mais comum é o piso escorregadio (CAVALCANTE et al., 2012).

Assim, a adoção de meios de segurança como a utilização de materiais antiderrapantes no box dos banheiros, utilitários por vezes de valor irrisórios poderiam contribuir satisfatoriamente para a redução dos risco de acidentes por quedas desses idosos.

Quando analisadas a proteção oferecidas nos box dos banheiros, ressalta-se que 43 (86%) enfermarias dos idosos internados não apresentavam barras de segurança. A ausência dessas barras aponta para insegurança existente.

As pesquisas brasileiras têm demonstrado grande ênfase aos elementos físicos ambientais que podem estar relacionados às quedas em idosos. Assim, esses estudos podem subsidiar a adoção de medidas preventivas de quedas nesse grupo de risco, como a adaptação da residência do idoso, a fim de promover a segurança necessária, minimizando o risco de quedas e suas consequências (CAVALCANTE et al., 2012).

Quanto às condições de iluminação das enfermarias dos idosos 39 (78%) tinham boa iluminação.

Pesquisa realizada com 50 idosos da comunidade, em um bairro de Fortaleza - Ceara, comprovou que a maioria das quedas é ocasionada por um ambiente domiciliar inadequado, onde dentre os fatores extrínsecos relacionados aos idosos caidores na pesquisa tiveram como mais citados a superfície escorregadia (33%) e (17%) pouca iluminação (CAVALCANTE et al.,2012).

Comprometimentos visuais pré-existentes no idoso prejudicam as atividades e participação social deles, assim, 38 idosos estudados no Distrito Federal diagnosticados com catarata, apresentaram duas vezes mais chances de cair, apenas pela confirmação da doença (MENESES; VILACA; MENESES, 2016). Logo, o fato de local ao qual o idoso esta internado, com uma iluminação pouco satisfatória, pode vir a potencializar as chances de ocorrência de acidentes por quedas nessa população vulnerável.

No que diz respeito às enfermarias da unidade cirúrgica do presente estudo, 22% delas disponham de iluminação insatisfatória, o que reflete a existência do risco iminente para os idosos internados e a necessidade de maior atenção por parte dos profissionais de saúde.

Observou-se ainda que 26% das enfermarias em relação às condições ambientais classificam-se como ambientes seguros (ausência de piso molhado, camas na altura adequada e leitos com grade), 16% das enfermarias apresentavam pisos molhados, 14% dos idosos participantes do estudo estavam em camas com alturas inadequadas e apenas 2% dos leitos não tinham grades (Tabela 1).

**Tabela 1** – Dados referentes às condições ambientais das enfermarias da unidade clínica cirúrgica do Hospital Universitário. João Pessoa, 2016.

<b>Condições ambientais</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Ambiente seguro*	26	52,0
Pisos molhados	16	32,0
Cama com altura inadequada	7	14,0
Leitos sem grades	1	2,0
Total	50	100

\*ambientes seguros (ausência de piso molhado, camas na altura adequada e leitos com grade).

**Fonte:** Pesquisa de campo.

De acordo com a Tabela 1 é possível visualizar as condições de risco aos quais os idosos estavam expostos. Mesmo com 52% das enfermarias consideradas como ambientes seguros, as demais ofereciam perigo aos idosos. Em um hospital universitário do Rio

Grande do Sul, 15 idosos atendidos no ambulatório de traumatologia em decorrência de queda, comprovaram que fatores ambientes como piso escorregadio ou molhado, tapetes espalhados pelo chão e pisos irregulares aliados a problemas de equilíbrio foi fator considerável para a ocorrência dos episódios (LEIVA-CARO et al., 2015).

Considerando os obstáculos ambientais que podem predispor o idoso a ocorrência de acidentes por queda, seja no domicílio ou instituições de longa permanência, além dos locais onde são possíveis localizar objetos pessoais espalhados, chão molhados ou outros obstáculos físicos, existem ainda os riscos como sentar e levantar de locais inadequados, como camas e cadeiras (GAUTÉRIO, 2015).

As camas com alturas inadequadas e sem grades, embora em número menor em relação aos demais fatores de riscos, também devem ser consideradas no favorecimento de quedas no ambiente hospitalar.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se que os fatores extrínsecos de risco para quedas entre idosos na pesquisa foram relevantes, necessitando assim de uma visão mais ampliada sobre os riscos a que os idosos internados estão expostos, uma vez que a maioria dos participantes estavam susceptíveis a ocorrência desse evento.

O presente estudo subsidiará os profissionais de saúde no planejamento da assistência aos idosos com risco de quedas hospitalizados em unidade cirúrgica e demais unidades com características semelhantes. Dessa forma, tem-se o conhecimento da real situação do ambiente hospitalar quanto aos fatores de risco extrínsecos para quedas e a partir disso é possível planejar medidas preventivas que possam garantir a segurança dos idosos e a satisfação dos familiares/cuidadores.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, S. T. et al. Análise de fatores extrínsecos e intrínsecos que predisõem a quedas em idosos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 427 - 433, Ago. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302012000400012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302012000400012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de ética em Pesquisa – CONEP. **RESOLUÇÃO Nº 466/12**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

CAVALCANTE, L. P.; AGUIAR, J. B.; GURGEL, L. A. Fatores associados a quedas em idosos residentes em um bairro de Fortaleza, Ceará. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 137–146, 2012.

DYKES, P. C. et al. Why do patients in acute care hospitals fall? Can falls be prevented? **Journal of Nursing Administration**, v. 39, n. 6, p. 299-304, jun. 2009.

DYKES, P. C. et al. Fall prevention in acute care hospitals: A randomized trial. **JAMA**, v. 300, n. 17, p. 1912-1918, 2010.

GAUTERIO, D. P. et al. Riscos de novos acidentes por quedas em idosos atendidos em ambulatório de traumatologia. **Investigación y educación en enfermería**, Medellín, v. 33, n. 1, p. 35-43, abr. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-53072015000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072015000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 ago. 2016.

GOMES, G. C. et al. Gait performance of the elderly under dual-task conditions: Review of instruments employed and kinematic parameters. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**. [online], v. 19, n. 1, p. 165-182, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232016000100165&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000100165&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

LEIVA-CARO, J. A. et al. Relação entre competência, usabilidade, ambiente e risco de quedas em idosos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 1139-1148, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692015000601139&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692015000601139&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

MENEZES, C.; VILACA, K. H. C.; MENEZES, R. L. Quedas e qualidade de vida de idosos com catarata. **Revista brasileira de oftalmologia**, Rio de Janeiro, v. 75, n. 1, p. 40-44, fev. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>

script=sci\_arttext&pid=S0034-72802016000100040&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2016.

OLIVEIRA, A. S. et al. Fatores ambientais e risco de quedas em idosos: revisão sistemática. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 637-645. 2014.

PERELL, K. L. et al. Fall risk assessment measures: an analytic review. **Journal of Gerontology: Biological Sciences**, v. 56, n. 2, p. 761-766, 2001.

REIS, K. M. C.; JESUS, C. A. C. Coorte de idosos institucionalizados: fatores de risco para queda a partir do diagnóstico de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 1130-1138, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692015000601130&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692015000601130&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SANTOS, R. K. M. et al. Prevalência e fatores associados ao risco de quedas em idosos adscritos a uma Unidade Básica de Saúde do município de Natal, RN, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 20, n. 12, p. 3753-3762. 2015.

SANTOS, S. S. C. et al. Risco de quedas em idosos: revisão integrativa pelo diagnóstico da North American Nursing Diagnosis Association. **Revista Escola Enfermagem da USP**, v. 46, n. 5, p. 1227-1236, 2012.

TUCKER, S. J. et al. Outcomes and challenges in implementing hourly rounds to reduce falls in orthopedic units. **World views on evidence-based nursing**, v. 9, n. 1, p. 18-29, 2012.